



Outras Brasília: Cidades novas como indícios de preexistências modernistas

Otras Brasília: Ciudades nuevas como indicios de preexistencias modernistas

SIMPÓSIO E3_08 Estado, técnica e política na conformação dos territórios

Larissa Timbó de Souza

Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, Brasil
laristsouza@gmail.com

Ricardo Trevisan

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, Brasil
trevisan@unb.br

Resumo: Acervos e arquivos de Arquitetura e Urbanismo constituem instrumentos essenciais para a preservação e o acesso à memória de instituições, coletivos e indivíduos. Ao reunir documentos, desenhos, mapas, projetos e registros visuais, esses acervos permitem a reconstrução histórica, a análise do presente e a projeção de futuros possíveis, refletindo teorias, paradigmas e múltiplos perfis profissionais, desde os consagrados até aqueles marginalizados pela historiografia oficial, por meio de textos, imagens e discursos. Este estudo examina um conjunto de plantas urbanas do Arquivo Público do Distrito Federal (ArPDF), provisoriamente associado à chamada “Cidade Desconhecida”. A pesquisa não se limita à investigação de sua origem, mas busca estabelecer conexões com outros projetos urbanísticos, em especial com o emblemático Plano Piloto de Brasília, de Lucio Costa (1957). Com base nesse material e em projetos de cidades novas brasileiras, concebidas antes ou simultaneamente à nova capital nos anos 1950, o estudo identifica indícios modernistas já articulados e aplicados em outros casos como Brasília, contribuindo para a historiografia do urbanismo nacional. Ao deslocar o foco dos cânones hegemônicos, a pesquisa propõe um reposicionamento dos saberes modernistas a partir de exemplos secundários, articulando uma abordagem conceitual fundada nos eixos utopia, modernidade e desenvolvimentismo. Adota-se, ainda, uma análise sistemática e aleatória por meio do “Pensar por Atlas”, com varredura de cidades planejadas entre 1930 e 1960, visando identificar influências e contribuições para os debates urbanísticos da época. Tanto projetos não concretizados, como a “Cidade Desconhecida”, quanto cidades efetivamente realizadas operam como dispositivos críticos, permitindo compreender as potencialidades e limitações do pensamento urbanístico em circulação. Mais do que registros arquivísticos, essas propostas atuam ativamente na construção historiográfica do urbanismo, ressignificando seu passado e ampliando horizontes para futuras interpretações.

Palavras-chave: Utopia; Urbanismo modernista; Arquivos; Brasília; Cidade Desconhecida.

Resumen: Las colecciones y archivos de Arquitectura y Urbanismo constituyen instrumentos esenciales para la preservación y el acceso a la memoria de instituciones, colectivos e individuos.

Al reunir documentos, dibujos, mapas, proyectos y registros visuales, estos fondos permiten la reconstrucción histórica, el análisis del presente y la proyección de futuros posibles, reflejando teorías, paradigmas y múltiples perfiles profesionales, desde los consagrados hasta los marginados por la historiografía oficial, a través de textos, imágenes y discursos. Este estudio examina un conjunto de planos urbanos del Archivo Público del Distrito Federal (ArPDF), provisionalmente asociados a la llamada «Ciudad Desconocida». La investigación no se limita a investigar su origen, sino que busca establecer conexiones con otros proyectos urbanísticos, en especial con el emblemático Plano Piloto de Brasília, de Lucio Costa (1957). Basándose en este material y en proyectos de nuevas ciudades brasileñas, concebidas antes o simultáneamente a la nueva capital en los años 50, el estudio identifica indicios modernistas ya articulados y aplicados en otros casos como Brasília, contribuyendo a la historiografía del urbanismo nacional. Al desplazar el foco de los cánones hegemónicos, la investigación propone un reposicionamiento de los conocimientos modernistas a partir de ejemplos secundarios, articulando un enfoque conceptual basado en los ejes de la utopía, la modernidad y el desarrollismo. Además, se adopta un análisis sistemático y aleatorio mediante «Pensar por Atlas», con un barrido de ciudades planificadas entre 1930 y 1960, con el fin de identificar influencias y contribuciones a los debates urbanísticos de la época. Tanto los proyectos no realizados, como la «Ciudad Desconocida», como las ciudades efectivamente construidas funcionan como dispositivos críticos, permitiendo comprender las potencialidades y limitaciones del pensamiento urbanístico en circulación. Más que registros archivísticos, estas propuestas actúan activamente en la construcción historiográfica del urbanismo, reinterpretando su pasado y ampliando horizontes para futuras interpretaciones.

Palabras-clave: *Utopía, Urbanismo modernista, Archivos, Brasília, Ciudad desconocida.*

INTRODUÇÃO: ARQUIVOS COMO TERRITÓRIOS CRÍTICOS DA CIDADE

O arquivo, longe de constituir um mero depósito passivo de documentos, emerge como um espaço dinâmico de produção de conhecimento histórico e de formulação de narrativas alternativas, tensionando significados e disputas simbólicas. Ele atua como uma força que modela a memória, a história e, potencialmente, o futuro. Tradicionalmente, os documentos eram compreendidos como registros do passado cuja veracidade aumentaria à medida que se aproximasse de suas origens, como se a narrativa histórica pudesse se apresentar pura e imaculada, sem mediações (Burke, 2017). Contudo, Foucault demonstra que o arquivo não se reduz à soma de textos e documentos acumulados por uma cultura; é antes um dispositivo decisório, delimitando o que emerge como discurso relevante e o que permanece marginal, produzindo, assim, o conhecimento de uma época (Foucault, 2011). Nesse contexto, os curadores do arquivo desempenham papel ativo ao selecionar e interpretar os materiais, conferindo-lhes peso simbólico nas disputas narrativas. Por sua vez, Foster ressalta que os materiais arquivísticos são simultaneamente “encontrados, construídos, factuais e fictícios” e que o arquivo pode operar como um não-lugar da utopia, recuperando perspectivas esquecidas e visões alternativas da história (Foster, 2016). Mas o que seria esta utopia?

A utopia, segundo Choay (2010), situa-se no domínio do imaginário, operando como instrumento crítico de reflexão sobre a realidade presente. Diante disso, emerge uma questão fundamental: quantos projetos urbanísticos permaneceram engavetados ou relegados à margem dos cânones do urbanismo e do planejamento urbano brasileiro em acervos e arquivos? E que revelações acerca de ideais, limitações e aspirações de seus períodos de origem poderiam ser extraídas da análise desses projetos? Embora cidades como Brasília, Goiânia e Belo Horizonte tenham se consolidado como referências paradigmáticas do urbanismo nacional (Trevisan, 2020), iniciativas menos

célebres – as “outras Brasília” – oferecem a oportunidade de ampliar nossa compreensão sobre a evolução do pensamento urbanístico no país. É nesse interstício que se insere o presente estudo, que busca expandir o escopo de análise para projetos urbanos de matriz modernista, capazes de ter antecipado ou de coexistido temporalmente com o icônico Plano Piloto de Lucio Costa (1957). Tais iniciativas poderiam, então, ser compreendidas como utopias de uma modernidade brasileira articulada ao longo do século XX, revelando dimensões alternativas do urbanismo e seu planejar que, embora esquecidas ou marginalizadas, permanecem cruciais para a reconstrução de uma historiografia mais plural e crítica.

Nesse contexto, em 2018, foi identificado no Arquivo Público do Distrito Federal - ArPDF um conjunto de cinco plantas atribuídas a Oscar Niemeyer (1907-2012), sem datas ou especificações detalhadas, contendo perspectivas, plantas técnicas, diagramas e anotações manuscritas (Figuras 1, 2, 3, 4 e 5). Apesar de seu caráter inédito, lacunas persistem quanto ao seu contexto e finalidade. Este artigo concentra-se, portanto, em especular a partir dessa descoberta sobre narrativas urbanísticas alternativas, sobretudo centradas em outros casos de cidades novas¹, revisitando e reinterpretando a modernidade urbanística brasileira. Para tanto, utiliza-se o método conceitual “Pensar por Atlas” (Trevisan, 2018; 2019), que possibilita conectar cidades e documentos de tempos e contextos distintos, estimulando a identificação de relações previamente negligenciadas. Derivado da compreensão do Atlas do filósofo e historiador alemão Aby Warburg (1866-1929) e das interpretações dadas pelo filósofo francês Georges Didi-Huberman (2011), chegou-se ao entendimento do Atlas como um possível método de leitura de objetos:

Em síntese, o atlas warburgiano é um objeto que se lê e se usa de modo objetivo ou errático, tensionado por paradigmas estético e empírico, cujos limites da compreensão nem sempre são claros. Um dispositivo movido pela imaginação, cuja base de suporte é uma mesa; um dispositivo concomitantemente negligente e potencializador do tempo; um dispositivo regado pelo aleatório, pelo improvisado. Um dispositivo de leitura de caráter permutável, com características de uma máquina do saber e de contemplação. Um jeito novo de relacionar imagens, uma maneira de reler o mundo (Trevisan; Jacques; Pereira, 2018).

Parte-se, portanto, para elaboração deste artigo, do agenciamento de projetos para cidades novas pré e durante a construção de Brasília visando identificar indícios do urbanismo modernista para além do Plano Piloto de Brasília.

Estruturalmente, o artigo organiza-se em três seções principais, além desta Introdução e das Considerações Finais. A primeira, “A Cidade Desconhecida: um arquivo interrompido”, examina os vestígios de um projeto urbano pouco difundido, apresentando sua descrição. A segunda seção, “Urbanismos pré-Brasília: escrever com arquivos, imaginar com projetos”, reúne estudos de caso que relacionam distintas experiências de cidades novas planejadas aos paradigmas urbanísticos formulados por Lucio Costa (1902-1998) no Plano Piloto de Brasília. Por fim, a terceira, “Arranjos possíveis: um atlas do urbanismo modernista”, amplia o escopo da análise ao investigar

¹ Caracteriza-se uma cidade nova como núcleos urbanos: 1) empreendidos pelo desejo do poder público e/ou da iniciativa privada e concretizado em ações específicas; 2) que buscam atender, ao menos de início, a uma ou mais funções dominantes (administrativa, de colonização, ferroviária, de relocação, balneária, satélite etc.); 3) implantados num sítio previamente escolhido; 4) a partir de um projeto urbanístico; 5) elaborado e/ou desenvolvido por agente(s) definido(s) – eventualmente profissional(is) habilitado(s); e 6) em um limite temporal determinado, implicando inclusive em um momento de fundação razoavelmente preciso.

diversas interpretações e apropriações dessa matriz urbanística em projetos para cidades novas, destacando convergências, desvios e formulações originais que refletem as especificidades dos saberes e práticas locais.

A “CIDADE DESCONHECIDA”: UM ARQUIVO INTERROMPIDO

O projeto estrutura-se em três núcleos de usos distintos: o habitacional, o industrial e a praça comunitária. As duas áreas caracterizam-se por uma malha urbana circular, onde as vias locais seguem paralelas ao centro da circunferência formando anéis viários, e as vias principais seguem de maneira radial. O conjunto urbanístico prevê três núcleos habitacionais, um industrial, e um centro cívico com equipamentos públicos urbanos. Todas as diretrizes essenciais do projeto ocorrem por meio de anotações nas pranchas. Os textos expõem as justificativas práticas para a dimensões urbanísticas e infraestrutura urbana.

Para os núcleos habitacionais, o autor descreve:

A construção das casas começaria pelo arruamento (1) e a marcação progressiva dos lotes (2) dentro do pequeno declive que o serviço geral de esgoto exige. Com a fixação dos lotes os pontos de esgoto seriam construídos e os lotes entregues para a construção. Os pontos de esgoto permitiriam as mais variadas soluções. Com a construção das casas em andamento, as obras da praça comunitária seriam iniciadas.

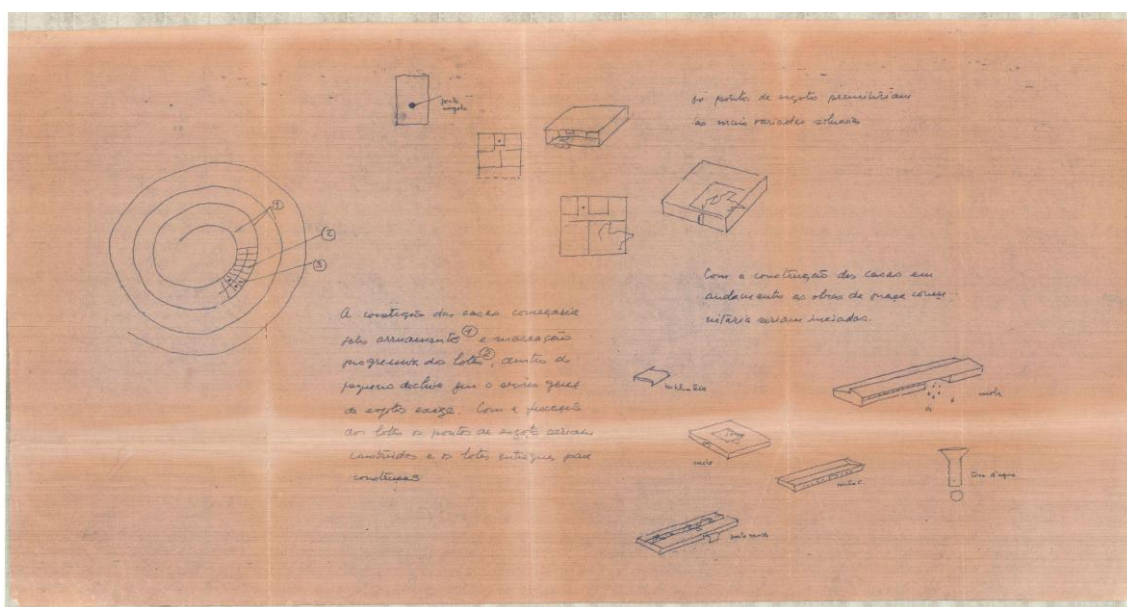


Imagem 01: Prancha e67a-m6 (6) Cidade Desconhecida. FONTE: ArpDF

Para os núcleos habitacionais estão previstos 1040 lotes de 15m x 20m, organizados de maneira radial concêntrica. As vias locais teriam sete metros de largura, seguindo o traçado radial paralelo ao centro. Os lotes não possuem nenhuma especificação sobre afastamentos mínimos ou calçadas. O círculo da zona residencial está dividido por quadrantes pelas vias arteriais que circundam o centro em uma rotatória, e também contornam os limites das quadras. No centro, só há uma especificação de castelo d'água, onde abasteceria os núcleos.

Nas anotações das pranchas, o autor cita:

É uma projeto de zona habitacional, junto às áreas de trabalho, despoluída e arborizada, possuindo creche, escola, pequena biblioteca, cinema, administração, campo de esporte, etc. É a habitação suprida dos seus elementos essenciais.

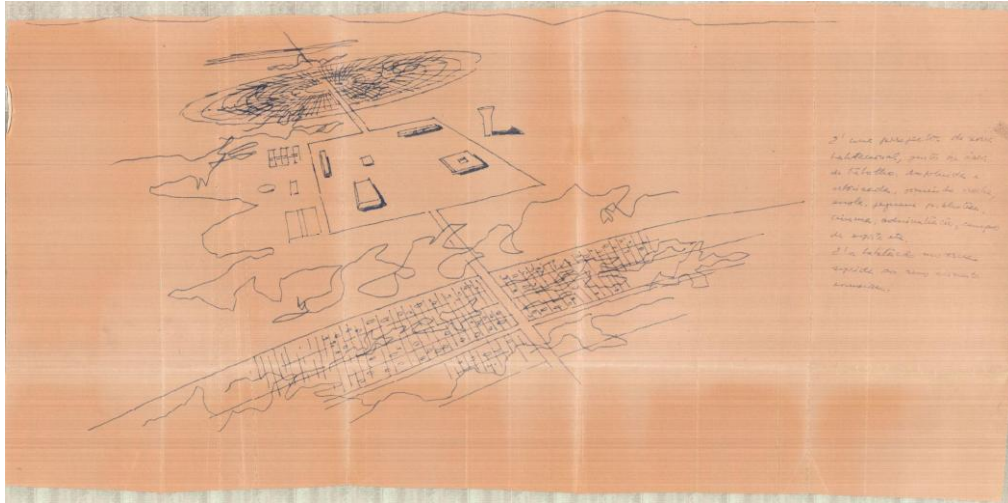


Imagem 02: Prancha e67a-m6 (5) Cidade Desconhecida. FONTE: ArpDF

O único núcleo industrial também está delimitado por quadrantes pelas vias arteriais. Possui lotes de variados tamanhos para atender diferentes tipos de empreendimentos, com seis lotes de 50x50, quatro de 50x75, seis de 50x80, quatro de 50x125, dois de 50x150, dois de 50x250, um de 100x150, um de 100x250, um de 100x300, 100x500 e 200x500. Na área central, está previsto um castelo d'água, serviço de despoluição e um posto de saúde.

As anotações descrevem:

Esta é a zona industrial, próxima das habitações como se impõe permitindo lotes dos mais variados tamanhos, servida de serviços comuns, de esgoto e despoluição.

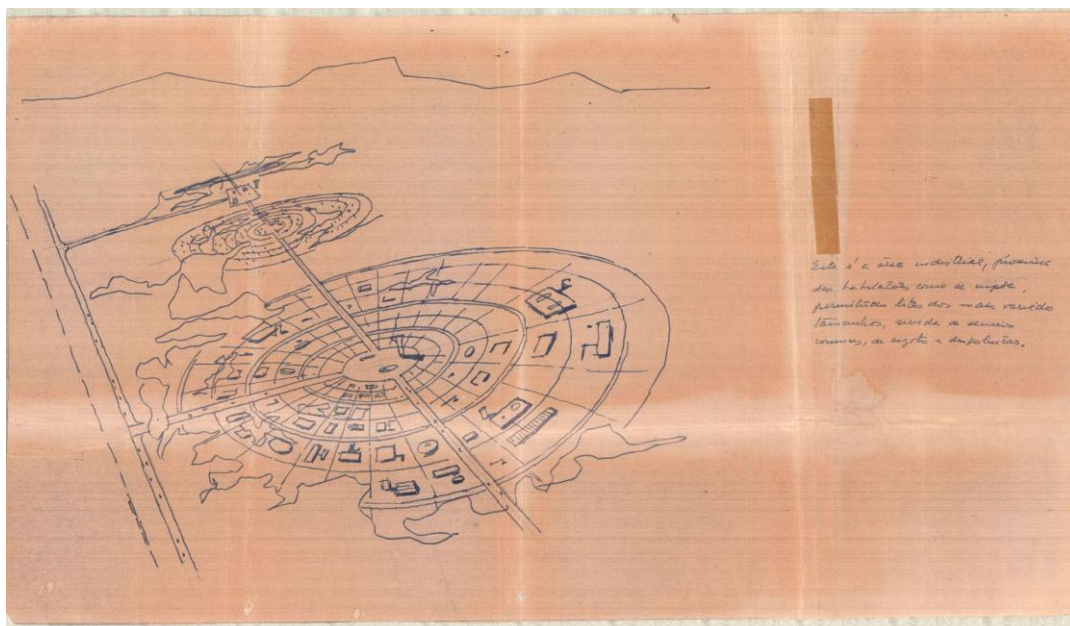


Imagem 03: Prancha e67a-m6 (1) Cidade Desconhecida. FONTE: ArpDF

A disposição dos núcleos acontece de maneira linear interligados por vias arteriais, ladeados por uma rodovia e uma ferrovia. Entre os primeiros núcleos residenciais está o centro cívico com os equipamentos públicos como: centro recreativo, conjunto comunitário com escola, creche, biblioteca, posto de saúde, cine-teatro e centro esportivo.

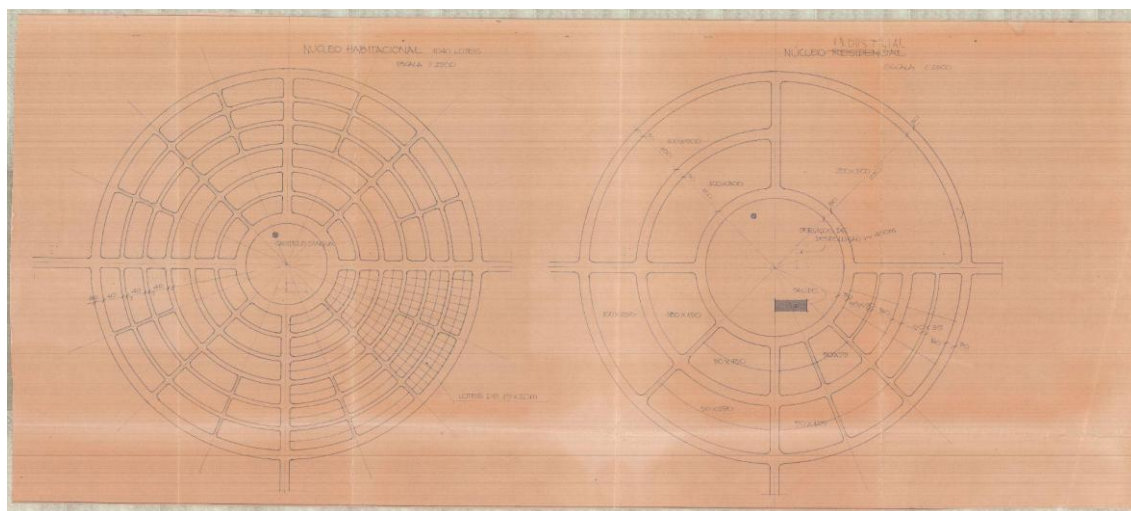


Imagem 04: Prancha técnica e67a-m6 (4) Cidade Desconhecida. FONTE: ArpDF

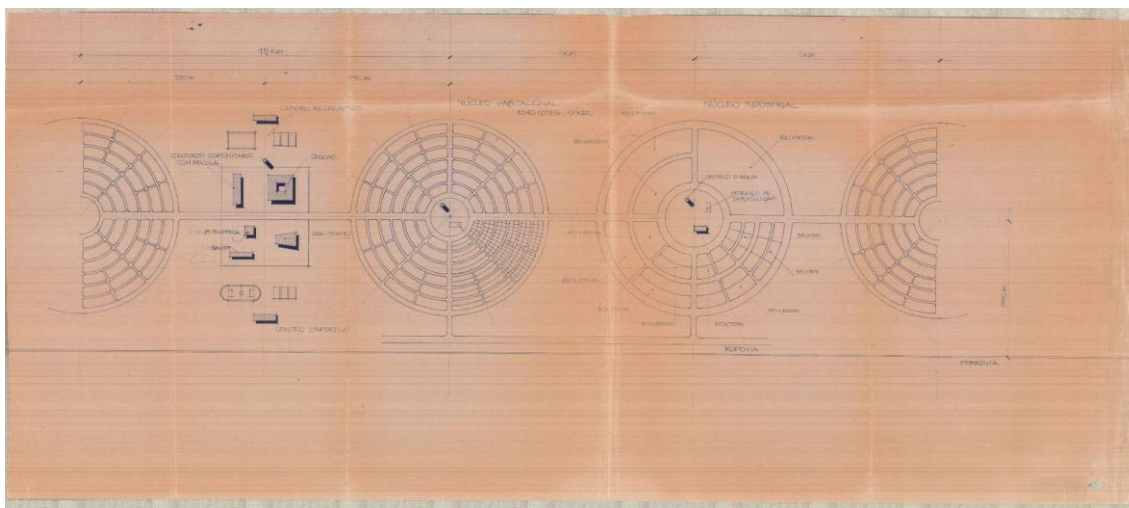


Imagem 05: Prancha técnica e67a-m6 (3) Cidade Desconhecida. FONTE: ArpDF

Embora as pranchas não possuam assinatura e a autoria tenha sido validada como de Oscar Niemeyer pelo Arquivo Público do Distrito Federal, diversos pesquisadores e profissionais que colaboraram com ele foram consultados para verificar sua caligrafia, e todos confirmam a autoria. Como as pranchas não indicam datas, buscou-se contextualizá-las temporalmente. Os arquivos foram localizados no acervo Fundo Novacap do ArpDF, levando à hipótese inicial de que as pranchas podem ter sido criadas a partir de 1956, ano em que Niemeyer foi nomeado por Juscelino Kubitschek (Silva, 1997). Permanecem incertas tanto a destinação do projeto, se cidade-satélite ou novo empreendimento, quanto sua relação temporal com Brasília

A Cidade Desconhecida revela-se, portanto, como um testemunho singular da experimentação urbanística moderna de Oscar Niemeyer. Seu traçado radioconcêntrico, a setorização rigorosa de usos, o protagonismo das vias de circulação e a monumentalidade dos equipamentos públicos evidenciam um pensamento projetual alinhado aos princípios modernistas da época. Para posicionar a Cidade Desconhecida no panorama urbanístico brasileiro, torna-se necessário ampliar o olhar para além dos empreendimentos já consagrados pela historiografia urbana.

ARQUITETURAS PRÉ-EXISTENTES: ESCREVER COM ARQUIVOS, IMAGINAR COM PROJETOS

Mais do que os empreendimentos e planejamentos já estabelecidos pela historiografia urbana, há, na linha do tempo das cidades novas, exemplos que, negligenciados ou obscurecidos, participaram da construção do ideário urbanístico moderno e que se fazem, de certa maneira, presentes na concepção de algumas cidades idealizadas. Posto essa instigação, o intuito é examinar atentamente os projetos de cidades novas anteriores a Brasília e, extrair características, sinais e evidências que se conectem a algum modelo urbanístico moderno. Dessa forma, busca-se aproximar a "Cidade Desconhecida" sob uma perspectiva diferente: uma narrativa concebida e construída através de atlas, que possibilitará reunir elementos dispersos espacial e temporalmente para viabilizar análises e novas compreensões. Um cotejo intencional que contribuirá para a formação de um conjunto de cidades novas articuladas por suas concepções. Para elaborar as aproximações, foi delimitada a examinação de apenas os aspectos morfológicos das cidades abordadas, principalmente aqueles apontados por Ficher e Palazzo em seu artigo "Os Paradigmas Urbanísticos de Brasília" (2006). Dessa forma, apreendemos apenas os aspectos

morfológicos de zoneamento, do rodoviarismo, da monumentalidade e do tipo de traçado das cidades empresariais e industriais do Brasil no período de 1930 a 1960.

Entre as principais características urbanísticas estudadas para as cidades brasileiras entre 1930 e 1960, o modelo de cidade-jardim destaca-se pela importância dada à integração do ambiente natural ao espaço urbano. Esse paradigma valorizava áreas verdes, baixa densidade residencial e a qualidade de vida dos habitantes. Águas de São Pedro, fundada no início da década de 1940, é um exemplo emblemático dessa proposta, pois seu planejamento se fundamentou na utilização dos recursos naturais, especialmente suas águas minerais, e na preservação do relevo e da vegetação circundante. Outro caso significativo é Maringá, concebida em 1945, cuja planta urbana incorpora diversos parques e espaços verdes distribuídos ao longo de seu traçado, refletindo o desejo de combinar modernidade com a natureza. Cidades como Monlevade e Arapongas também adotaram esse modelo, contando com uma malha urbana permeada por áreas verdes que conferiam ao ambiente um caráter mais humanizado. Áreas como Cianorte, cidade Jardim Eldorado em Contagem e Aragarças reforçaram essa tendência, com a inclusão de corredores verdes e na valorização do paisagismo como elementos estruturantes da cidade (Trevisan; Jacques; Pereira, 2019).

O zoneamento não é, primordialmente, um traçado ou desenho urbano, mas uma definição territorial de controle de atividades e funções no espaço citadino, aplicado para disciplinar a ocupação da cidade industrial (Ibid, 2019). Cidades como Goiânia, idealizada por Atilio Correa Lima, implementou o zoneamento rigoroso, dividindo áreas residenciais, comerciais e institucionais (Pantaleão; Delfino, 2017). Como exemplo, temos o projeto da Cidade dos Motores, projeto idealizado por Paul Lester Weiner (1895-1967), Josep Lluís Sert (1902-1983), e Paul Schulz, para ser uma cidade nova industrial a ser implantada em Xerém, no Rio de Janeiro, como suporte à Fábrica Nacional de Motores, que contava com seus autores envolvidos nas discussões vigentes do CIAM para a Carta de Atenas, o projeto preconizava as funções fundamentais da cidade na época: habitar, trabalhar, recrear e circular; fundamentos que foram seguidos à risca (Costa, 2010). Também do mesmo ano de 1944, temos Boa Vista que se utilizou deste paradigma em seu projeto; com seu projeto do engenheiro Darcy Aleixo Derenusson (1916-2002) (Trevisan, 2018), de traçado radioconcêntrico, as áreas habitacionais foram dispostas em quadras anelares que irradiavam até o cinturão verde externo, indo de encontro aos setores onde estavam os equipamentos urbanos. Outras cidades, como Ceres, Maringá e Ipatinga, adotaram o zoneamento para criar áreas especializadas que facilitavam o funcionamento e o crescimento planejado dessas cidades.

O rodoviarismo, paradigma que estruturou o crescimento das cidades a partir da hierarquia viária e da valorização das rodovias como principais eixos de circulação, foi determinante para cidades que surgiram em regiões de expansão econômica. Maringá, além de seu modelo de cidade-jardim, dedicou um cuidado especial à circulação viária, projetando avenidas largas que facilitavam o transporte e o acesso às rodovias que interligavam a cidade ao interior do Paraná. Loanda, Auriflama e Aragarças adaptaram seus traçados para valorizar vias principais, como intenção a valorização do transporte viário e a organização funcional do espaço urbano. Ceres, Dracena, Junqueirópolis e Apucarana também passaram a estruturar seu crescimento em função das vias rodoviárias, um movimento que refletia as transformações promovidas pela motorização e as demandas de economia integrada (Trevisan; Jacques; Pereira, 2019).

A monumentalidade foi um princípio presente em cidades que buscavam consolidar sua identidade como pólos políticos ou administrativos, planejando centros urbanos que fossem inclinados à valorização estética, senso cívico e poder público. Goiânia, por sua vez, investiu em seu setor central como uma peça monumental, com edifícios públicos e praças projetadas para impressionar e formalizar a centralidade do governo estadual. Boa Vista, no extremo Norte, utilizou o urbanismo monumental para afirmar a importância do território federal, criando praças e eixos urbanos que simbolizassem a autoridade estatal. Municípios do Paraná, como Paranacity, Jussara e Lobato, projetaram seus centros com o mesmo intuito, fortalecendo a ideia de cidades pequenas estruturadas em torno de monumentos, praças centrais e edifícios públicos (Ibid, 2019). Cidades de menor porte e de origem industrial também refletiram os paradigmas modernistas em seus projetos. Monlevade, tradicional cidade mineradora de Minas Gerais, incorporou áreas verdes e práticas de cidade-jardim para melhorar a qualidade de vida da população trabalhadora. Serra do Navio, no Amapá, planejada nos anos 1950 para atender à mineração de ferro, organizou seu espaço urbano para acomodar as necessidades funcionais da indústria, ao mesmo tempo que aplicou o zoneamento e critérios de segregação socioespacial. A Cidade Operária da Fábrica Nacional de Motores exemplifica a preocupação do planejamento urbano em zonas industriais com habitações adequadas e infraestrutura para a classe trabalhadora (Costa, 2010).

Outras cidades surgiram como projetos modernos integrados com participação de renomados arquitetos e urbanistas, refletindo padrões avançados para a época. Angélica, por exemplo, projetada por Jorge Wilhelm (1928-2014) com a colaboração da paisagista Rosa Kliass, adotou soluções que mesclavam funcionalidade e o respeito ao contexto natural, criando um modelo urbano voltado para a qualidade ambiental. Marina, planejada por Oscar Niemeyer, com paisagismo de Roberto Burle Marx (1909-1994), simboliza o ápice do urbanismo moderno brasileiro antes da construção de Brasília, onde funcionalismo e integração paisagística foram elementos centrais, oferecendo uma experiência urbana sofisticada e inovadora. Outro exemplo aplicado foi na cidade de Vila Piloto Jupiá, o plano urbanístico foi desenvolvido pelo escritório PLANEMAK, liderado por Ernest Mange (1922-2005), embasado pelas experiências internacionais das company towns e urbanismo funcionalista dos CIAM's, mas adaptando ao contexto da época. O traçado radioconcêntrico, com o setor central destinado para serviços e lazer, e as habitações implantadas em anéis concêntricos ao redor do centro, tinha como intenção do autor criar uma comunidade integrada, com senso de pertencimento, como de forma de minimizar a sensação provisória das habitações (Peixoto, 2012). Além do Paraná e de Goiás, as cidades listadas refletem a pluralidade regional do planejamento brasileiro naquele período. Municípios como Andradina, Lucélia, Adamantina, Valentim Gentil, Flora Rica, Ouro Verde, Paulicéia, Irapuru, Pacaembu e Santa Mercedes, todos no interior paulista, demonstram a difusão dos conceitos modernistas no planejamento de pequenas e médias cidades. Seus projetos priorizaram a organização funcional, a presença de áreas verdes e o desenvolvimento ordenado, caracterizando uma etapa importante da modernização do ambiente urbano brasileiro (Trevisan; Jacques; Pereira, 2019).

Por fim, observa-se que as cidades dessa época, em sua diversidade, compuseram uma rede de experiências urbanísticas que influenciaram diretamente o modelo e as práticas aplicadas em Brasília a partir de 1957. A multiplicidade de paradigmas, as adaptações regionais e a inovação técnica configuram essa trajetória de planejamento que não se limita a um único projeto, mas a um conjunto de cidades novas que anteciparam muitos dos conceitos do urbanismo moderno brasileiro.

A próxima seção propõe acrescentar a essa abordagem, aproximando o estudo de outras cidades a partir de uma leitura aproximativa orientada em pensar por atlas, a modo de estabelecer relações e continuidades entre as diferentes perspectivas urbanas.

APROXIMAÇÕES POSSÍVEIS: UM ATLAS DO MODERNISMO BRASILEIRO

Apropriando-se do dispositivo atlas, como metodologia para criar arranjos possíveis, será feito um cruzamento das informações das cidades pré-Brasília para um choque aproximativo com a Cidade Desconhecida, indicando suas divergências e semelhanças. Em todas as cidades analisadas, o ponto de partida comum é a existência de um projeto, de uma intenção de desenho urbano registrada em documentos. No caso da Cidade Desconhecida, a característica mais evidente de seu traçado projetual é a ocupação urbana massiva. Essa concentração espacial é estruturada por uma especialização das vias de circulação, indicando um planejamento priorizando o fluxo do transporte viário. O traçado da Vila Piloto Jupiá, caracterizado por ser radioconcêntrico, pode ser aproximado a CD. Ele apresentava um núcleo cívico a partir do qual as ruas se desenvolviam paralelamente ao centro, com avenidas principais em disposição axial.

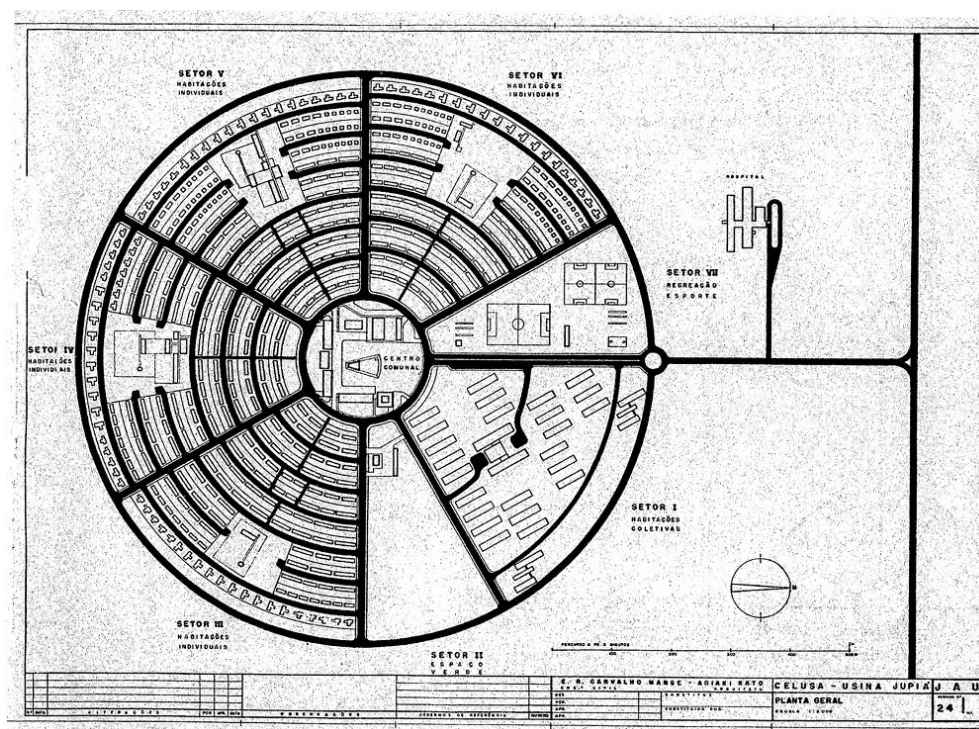


Imagem 06: Planta Vila Piloto - Jupiá. FONTE: (Araújo, 2004, p. 141).

Conforme apontado por Borda (2014) em análises de diferentes implantações urbanísticas de Niemeyer, o entorno raramente se configura como elemento de interesse em seus projetos, sendo frequentemente tratado de maneira indiferente ou até mesmo ignorado. Em suas hipóteses, o arquiteto possuía uma resistência ao caos da malha tradicional. O traçado urbano parece estar sempre prevalecendo sobre a topografia existente, de forma que como na Cidade Desconhecida, não há indicativos de interação com elementos presentes na paisagem.

A setorização de usos é um elemento presente na CD, manifestando-se em módulos radioconcêntricos destinados ao uso habitacional e industrial. Estes módulos encontram-se

distintamente separados, dispostos de forma linear e conectados por uma avenida principal, o que pode ser interpretado como uma referência à cidade linear de Soria y Mata. Este paradigma serviu de base para a proposta que o escritório de arquitetos dos MMM Roberto apresentou no concurso para o projeto de Brasília. A solução proposta por esses arquitetos consistia na criação de unidades urbanas de formato circular, com um raio de 1200 metros, visando permitir a circulação dos moradores sem a necessidade de veículos motorizados. Essas unidades propostas incluíam centros setoriais com diferentes funções, localizados, contudo, em áreas separadas das estritamente habitacionais. As sete unidades iniciais, excluindo-se o núcleo de poder da República, seriam interligadas por suas vias, garantindo uma equivalência de poder entre elas (Braga, 2011).

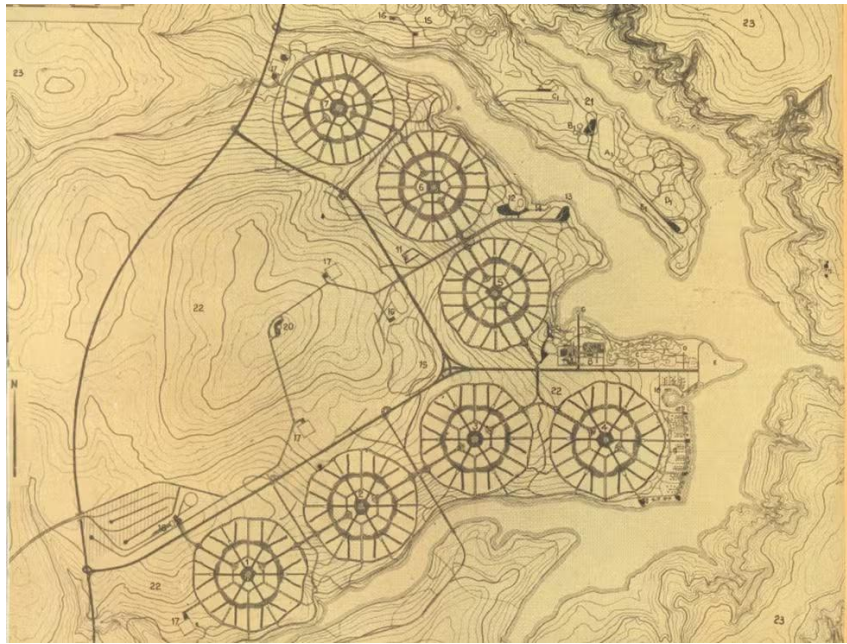


Imagem 07: Proposta para Brasília de MMM Roberto. FONTE: Braga, 2011, p. 105.

Apesar da ausência de detalhes técnicos arquitetônicos dos equipamentos urbanos, observa-se pela proporção no desenho que os edifícios públicos da CD possuem um certo peso visual em relação ao seu entorno, produzindo marcos na paisagem que conferem a eles uma certa monumentalidade característica da obra de Niemeyer. Nota-se pelos croquis uma tipologia dos edifícios, algo similar ao produzido pelo arquiteto em seus projetos. Este recurso pode ser identificado em sua proposta para o Centro Técnico de Aeronáutica - CTA, que mesmo não produzindo monumentalidade dos edifícios na mesma escala de Brasília, a inserção das unidades habitacionais dispostas em renque, intercaladas por praças lineares (Figueiredo, 2019), produz um marco visual no conjunto da implantação.

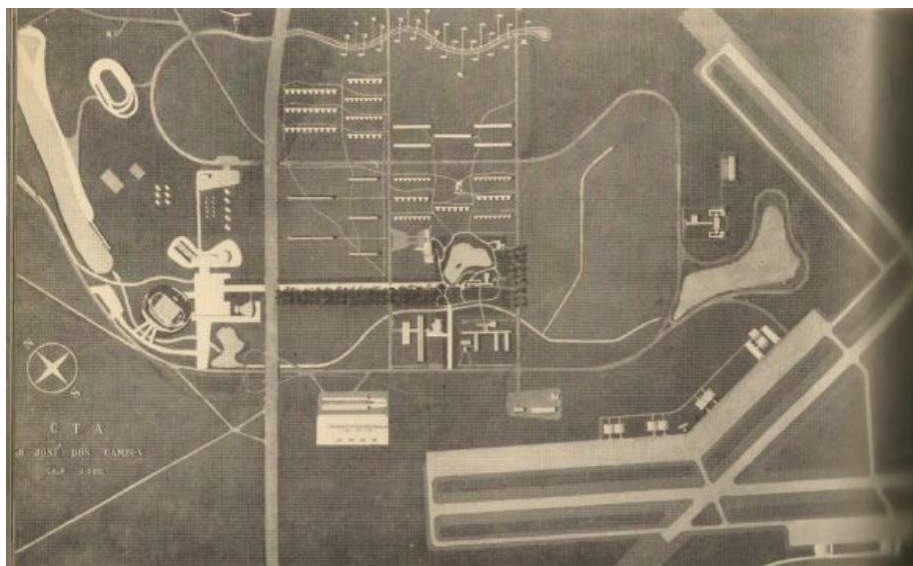


Imagem 08: Anteprojeto B para CTA de Oscar Niemeyer. FONTE: Papadaki, 2012.

A análise comparativa entre a Cidade Desconhecida e as cidades pré-Brasília revela um conjunto de características urbanísticas que, embora apresentem particularidades próprias, convergem para princípios comuns do urbanismo moderno brasileiro. O traçado radioconcêntrico, a setorização funcional, a hierarquização viária e a monumentalidade arquitetônica emergem como elementos recorrentes que conectam a CD a uma tradição projetual específica, evidenciando sua filiação às experimentações urbanas do período.

CONSIDERAÇÕES: ENTRE O ESQUECIDO E O POSSÍVEL

Este artigo buscou investigar a “Cidade Desconhecida” encontrada no Arquivo Público do Distrito Federal não como um exemplar isolado, mas como parte de uma trama mais ampla de outros projetos urbanísticos que, realizados ou não, contribuíram para moldar o pensamento sobre as cidades no Brasil. Ao aproximar esse projeto de outras experiências urbanas do período entre 1930 e 1960, através do método atlas, foi possível encontrar recorrências morfológicas e conceituais que evidenciam um repertório compartilhado dos ideais e paradigmas urbanos da época. Essas características, presentes tanto em cidades efetivamente construídas quanto em propostas que permaneceram no papel, revelam um locus de experimentações urbanísticas mais diverso e complexo do que o consolidado por cânones historiográficos tradicionais.

Para além da apuração da origem e destinação da “Cidade Desconhecida”, este artigo pretende demonstrar como os arquivos operam como territórios críticos, capazes de produzir novos fios de estudo na trama historiográfica. Os arquivos interrompidos, projetos engavetados, esquecidos ou inacabados, possuem valor historiográfico tão relevante quanto às obras materializadas, pois preservam intenções, expectativas e experimentações que denotam o pensamento de seu tempo. Esses projetos não realizados, frequentemente relegados ao esquecimento, permitem compreender as aspirações, limitações e contradições de uma época, operando como dispositivos utópicos que expõem contra-realidades e possibilidades alternativas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Arquivo Público do Distrito Federal. Coordenação de Arquivo Permanente. Fundo Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil (NOVACAP). Série NOV-E-06, Brasília: ArPDF, s.d.

ARAÚJO, Cláudia Gomes De. **Arquitetura e cidade na obra de Ernest de Carvalho Mange.** Mestrado em Tecnologia do Ambiente Construído—São Carlos: Universidade de São Paulo, 21 out. 2004.

BORDA, Luis Eduardo. A Cidade Diversa. Niemeyer e o debate sobre o Urbanismo. **III Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo**, p. 9, 2014.

BRAGA, Milton. **O concurso de Brasília : sete projetos para uma capital.** [S.l.]: Cosac Naify, 2011.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica.** [S.l.]: Editora Unesp, 2017.

CHOAY, Françoise. **A Regra E O Modelo.** 1. ed. [S.l.]: Editora Perspectiva, 2010.

COSTA, Alcilia Afonso de Albuquerque. **As contribuições arquitetônicas habitacionais propostas na Cidade dos Motores. Town Plannings Associates. Xerém, RJ.** Disponível em: <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/11.124/3575>>. Acesso em: 4 out. 2025.

DIDI-HUBERMAN, Georges *et al.* (ORGS.). **Atlas - ¿Cómo llevar el mundo a cuestras? Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofia, Madrid, 26 noviembre 2010-28 marzo 2011 ; ZKM, Museum für Neue Kunst, Karlsruhe, 7 mayo-28 agosto 2011 ; Sammlung Falckenberg, Hamburgo, 24 septiembre-27 noviembre 2011.** 1. reimpr ed. Madrid: TF [u.a.], 2011.

FICHER, Sylvia. Paradigmas Urbanísticos de Brasília. *In: Brazilian Conditions.* Vienna: Springer Vienna, 2006. p. 154–155.

FIGUEIREDO, Ademir Rodrigo Beserra. **Centro Técnico de Aeronáutica (CTA) : os setenta anos do bairro modernista de Niemeyer, Mourão e DIRENG.** 16 out. 2019.

FOSTER, Hal. **O complexo arte-arquitetura.** [S.l.]: Ubu Editora, 2016.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber.** [S.l.]: Editora Forense, 2011.

PANTALEÃO, Sandra Catharine; DELFINO, Dhyogo Santis. MORFOLOGIA E DESENHO URBANO: UMA ANÁLISE DA FORMAÇÃO DA PAISAGEM DE GOIÂNIA-GO. **Revista Mirante (ISSN 1981-4089)**, v. 10, n. 5a, p. 97–116, 28 dez. 2017.

PAPADAKI, Stamo. **Work of Oscar Niemeyer.** S.l.: LITERARY LICENSING, LLC, 2012.

PEIXOTO, Mônica. **Da edificação ao traçado urbano A experiência de planejamento regional integrado na CESP.** São Paulo: Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2012.

SILVA, Ernesto. **História de Brasília: um sonho, uma esperança, uma realidade.** [3a. edição] ed. Brasília: Câmara de Dirigentes Lojistas-DF, 1997.

TREVISAN, Ricardo. **arquitextos 212.03 urbanismo: Darcy Aleixo Derenusson | vitruvius**. Disponível em: <<https://vitruvius.com.br/index.php/revistas/read/arquitextos/18.212/6864>>. Acesso em: 16 nov. 2025.

TREVISAN, Ricardo; JACQUES, Paola Berenstein; PEREIRA, Margareth Da Silva (ORGS.). **Nebulosas do pensamento urbanístico: tomo I – modos de pensar**. [S.l.]: EDUFBA, 2018.

TREVISAN, Ricardo; JACQUES, Paola Berenstein; PEREIRA, Margareth Da Silva. **Nebulosas do pensamento urbanístico: tomo 2 – modos de fazer**. [S.l.]: Edufba, 2019.